



remaea

## **Sentimento Pampeano: modos de ser e narrar as relações entre mulheres e pampa<sup>1</sup>**

Juliana Corrêa Pereira Schlee<sup>2</sup>

Universidade Federal do Rio Grande

ORCID <https://orcid.org/0000-0002-3566-2181>

Paula Corrêa Henning<sup>3</sup>

Universidade Federal do Rio Grande

ORCID <http://orcid.org/0000-0003-3697-9030>

Paula Regina Costa Ribeiro<sup>4</sup>

Universidade Federal do Rio Grande

ORCID <http://orcid.org/0000-0001-7798-996X>

**Resumo:** O artigo busca apontar caminhos e estratégias teóricas e metodológicas, assim como analisar as narrativas das mulheres ambientalistas que articulam educação ambiental e pampa, marcadas pelo *Sentimento Pampeano*. Este trabalho é fruto de uma pesquisa de dissertação que foi realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental (PPGEA/FURG). Na pesquisa articulamos potentes conceitos como filosofia, devir menor, verdade, sob o aporte teórico de Michel Foucault, Friedrich Nietzsche, Félix Guattari, Gilles Deleuze, Ana Godoy e Silvio Gallo. Como caminho metodológico realizamos uma investigação narrativa através de uma conversa com três mulheres ambientalistas do pampa. Ao final desta investigação podemos considerar que as

---

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

<sup>2</sup> Doutoranda em Educação Ambiental, Mestre em Educação Ambiental pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Integrante do Grupo de Estudos em Educação, Cultura, Ambiente e Filosofia - GEECAF/ FURG; CAPES; Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: [julianaschlee@gmail.com](mailto:julianaschlee@gmail.com)

<sup>3</sup> Doutora em Educação, professora do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Líder do Grupo de Estudos em Educação, Cultura, Ambiente e Filosofia - GEECAF/FURG. Bolsista Produtividade do CNPq 2. Rio Grande, Brasil. E-mail: [paula.c.henning@gmail.com](mailto:paula.c.henning@gmail.com)

<sup>4</sup> Doutora em Ciências Biológicas, professora do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Líder do Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola – GESE/FURG. Bolsista Produtividade 1C do CNPq. Rio Grande, Brasil. E-mail: [pribeiro.furg@gmail.com](mailto:pribeiro.furg@gmail.com)

mulheres narram suas relações com a natureza e com a educação ambiental mobilizadas, atravessadas, constituídas pelo que chamamos de *Sentimento Pampeano*.

**Palavras-chave:** Educação Ambiental, Pampa, Mulheres.

### **El *Sentimiento Pampeano*: maneras de ser y narrar las relaciones entre las mujeres y el pampa**

**Resumen:** El artículo que se presenta busca señalar caminos, estrategias teóricas y metodológicas, así como analizar las narrativas de las mujeres ambientalistas que articulan educación ambiental y el pampa, marcadas por el *Sentimiento Pampeano*. El trabajo tiene como origen una investigación de máster realizada en el Programa de Posgrado en Educación Ambiental (PPGEA/FURG). En la investigación se articulan potentes conceptos como la filosofía, el devenir menor y la verdad, bajo el apoyo teórico de Michel Foucault, Friedrich Nietzsche, Félix Guattari, Gilles Deleuze, Ana Godoy y Silvio Gallo. Como camino metodológico se realizó una búsqueda por narrativas a través de una conversación con tres mujeres ambientalistas del pampa. Al final de esa investigación se puede considerar que las mujeres narran sus relaciones con la naturaleza y con la educación ambiental movilizadas, atravesadas y constituidas por lo que llamamos *Sentimiento Pampeano*.

**Palabras-clave:** Educación ambiental, Pampa, Mujeres.

### ***Pampeano Feeling*: ways of being and narrating the relations between women and pampa.**

**Abstract:** The article intends to show ways and theoretical-methodological strategies, as well as analyzing the narratives of the female environmentalists that articulate environmental education and pampa, marked by the *Pampeano Feeling*. This work is the result of a research of a dissertation made in the Post Graduation in Environmental Education Program (PPGEA/FURG). In the research it was articulated powerful concepts such as philosophy, “becoming minor”, truth, under the theoretical inputs by Michael Foucault, Friedrich Nietzsche, Félix Guattari, Gilles Deleuze, Ana Godoy e Silvio Gallo. As a methodological path, we accomplished a narrative investigation, through a conversation with three female environmentalists from pampa. At the end of this investigation, we found that women narrate their relations with nature and with environmental education mobilized, crossed, composed by what we call *Pampeano Feeling*.

**Keywords:** Environmental Education, Pampa, Women.

## **Introdução**

Este trabalho é fruto de uma pesquisa de dissertação do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande – FURG<sup>5</sup> que tem como objetivo apontar caminhos e estratégias teóricas e metodológicas, assim como analisar as narrativas das mulheres ambientalistas que articulam educação ambiental e pampa, marcadas pelo *Sentimento Pampeano*.

A temática Educação Ambiental e Pampa intensifica a pesquisa ao pensarmos o quanto os aspectos culturais, históricos, ambientais, sociais, estéticos do pampa sul riograndense

---

<sup>5</sup> A pesquisa de dissertação teve como objetivo geral problematizar como mulheres ambientalistas do pampa gaúcho narram a sua relação com a natureza e com a educação ambiental (SCHLEE, 2019).

(Brasil) nos constituem nos atravessam enquanto mulheres ambientalistas pampeanas, que educam ambientalmente. Entendemos a educação ambiental como práticas pedagógicas que ensinam modos de ser e se relacionar com a natureza, com o pampa. Tais práticas e experiências de vida narradas mostram a potência de provocar em nós possíveis educações ambientais.

Por isso, compartilhamos *charlas* e *mates* com três mulheres ambientalistas pampeanas buscando mirar com um devir-menor (DELEUZE e GUATTARI, 2003) para as narrativas infames (FOUCAULT, 2003) ali onde elas experienciam o pampa e a educação ambiental diariamente, provocando através da arte e da filosofia os deslocamentos possíveis para a educação ambiental.

Sendo assim, apresentamos neste artigo, uma seção sobre os caminhos teóricos e metodológicos que realizamos na pesquisa, em seguida, descrevemos quem são as mulheres-narradoras, para após ampliar as discussões acerca das narrativas sobre o *Sentimento Pampeano*, a partir das análises sobre educação ambiental nos interstícios pampeanos. E ao final deste artigo tecemos algumas considerações.

### **Caminhos teóricos e metodológicos: entre *charlas* e *mates***

Acreditamos que esta pesquisa se apresenta, não como mais uma consolidação de verdades, mas na possibilidade de uma experiência, de potencializar o pensar nas relações que se estabelecem entre nós e a natureza e o pampa gaúcho, de problematizar como nos constituímos enquanto mulheres, pampa e natureza, e de ver outras educações ambientais... provocativas, periféricas, singulares, menores. Para isso articulamos potentes conceitos como filosofia, devir menor, verdade, sob o aporte teórico de Michel Foucault, Friedrich Nietzsche, Ana Godoy, Silvio Gallo, Félix Guattari e Gilles Deleuze. Como um possível caminho desta pesquisa investimos em colocar em funcionamento um devir menor (GODOY, 2008).

O ato de criação implica, portanto, que a criação no pensamento ressoe com os processos de criação em nós. Que a abertura no pensamento para as forças no mundo ressoe com a abertura de nossos territórios existenciais. Que a diferença na sensibilidade se encontre com a diferença no pensamento e que a estranheza que experimentamos em nós mesmos como incômodo ou perturbação nos force a pensar, a sentir e a perceber de outro modo; nos force a criar outros modos de existência, novas possibilidades de vida que expressem esse encontro com as forças

no mundo escapando ao modelo teórico, político, existencial e institucional em que circulamos. Aí o pensamento está a serviço da vida em sua potência criadora. Aí já não é mais o pensamento que avalia a vida, mas é a vida que avalia o que pensamos, fazemos e dizemos segundo os modos de existência neles envolvidos (GODOY, 2010, p. 211).

A partir do pensamento filosófico de Gilles Deleuze e Félix Guattari (2003) ao definirem a literatura menor, buscamos o aporte teórico sobre educação menor de Sílvio Gallo (2002) e sobre ecologia menor de Ana Godoy (2008, 2010) como estratégias para mirar as narrativas das mulheres quanto às educações ambientais vivenciadas cotidianamente no entremeio do pampa gaúcho. Nesse sentido, a partir de um devir menor buscamos pensar na educação ambiental que vem fabricando o próprio pampa e constituindo, assim, um viver pampeano atravessadas pelas relações com a natureza.

Dessa forma, o assunto principal na roda de mate foi acerca do pampa, da natureza e da educação ambiental através das narrativas sobre a vida de luta ambientalista e suas relações cotidianas com o pampa e a natureza. Entendemos que quando narramos, falamos “natureza” e “pampa” são verdades antropomórficas que não abarcam o mundo, como nos alerta Nietzsche (2007), por isso torna-se potente para esta pesquisa repensar sobre o que tomamos como legítimo e verdadeiro nas relações que atravessam nossas vidas e que vai constituindo um modo de ser e viver este mundo.

Como *corpus* empírico desta pesquisa determinamos as narrativas de três mulheres ambientalistas. Estas mulheres-narradoras se compreendem como educadoras ambientais, e ao nos contarem suas experiências vinculadas à educação ambiental, assim como suas relações com a natureza e com o pampa no cotidiano, constroem tanto de sentidos de si, de suas experiências, dos outros e do contexto histórico e cultural pampeano em que estão envolvidas, como podemos observar na pesquisa realizada por Ribeiro e Ávila (2013, p.72):

Nesse sentido, entendemos a narrativa como uma prática social que constitui os sujeitos, ou seja, é no processo de narrar e ouvir histórias que os sujeitos vão construindo tanto os sentidos de si, de suas experiências, dos outros e do contexto em que estão inseridos. Esse processo de contar histórias vividas faz com que a pesquisa apresente outro olhar, ou seja, esse processo se apresenta como algo complexo porque quando recontamos histórias, não apenas recontamos fatos que aconteceram em outros momentos de nossas vidas, mas recontamos essas histórias tal como elas se refletem em nossas experiências presentes. Dessa forma, tanto as histórias como os sentidos que damos a elas, conforme vão sendo recontadas ao longo dos tempos, vão construindo, nos sujeitos, diferentes formas de ver e

compreender suas próprias histórias.

Ao narrarem suas experiências de vida, suas histórias, os sujeitos vão se constituindo com diferentes maneiras de ver e viver o mundo a partir dos fatos e acontecimentos que recontam. Por isso, o caminho metodológico desta pesquisa foi a investigação narrativa (SCHLEE, 2019), em que as experiências de vidas narradas foram objetos de análise. Cada vez mais usada nos estudos em educação, a investigação narrativa está focalizada sobre a experiência humana, “la narrativa es una forma de caracterizar los fenómenos de la experiencia humana” (CONNELLY e CLANDININ, 1995, p. 12).

El valor central de la investigación narrativa deriva de la cualidad de sus “temas”. La narrativa y la vida van juntas y, por tanto, el atractivo principal de la narrativa como método es su capacidad de reproducir las experiencias de la vida, tanto personales como sociales, en formas relevantes y llenas de sentido (CONNELLY e CLANDININ, 1995, p. 43).

Aqui vemos a importância deste caminho metodológico ao olhar para as narrativas de mulheres ambientalistas e suas relações com a natureza e o pampa gaúcho, como foi dito acima, narrativa e vida vão juntas! Nesta metodologia temos a possibilidade de ouvir as histórias dos sujeitos a partir de suas vozes, experiências e trajetórias vinculadas ao campo de saber da Educação Ambiental, em que a própria pesquisadora se torna parte da (re)construção da narrativa que é compartilhada, integrando-se ao processo.

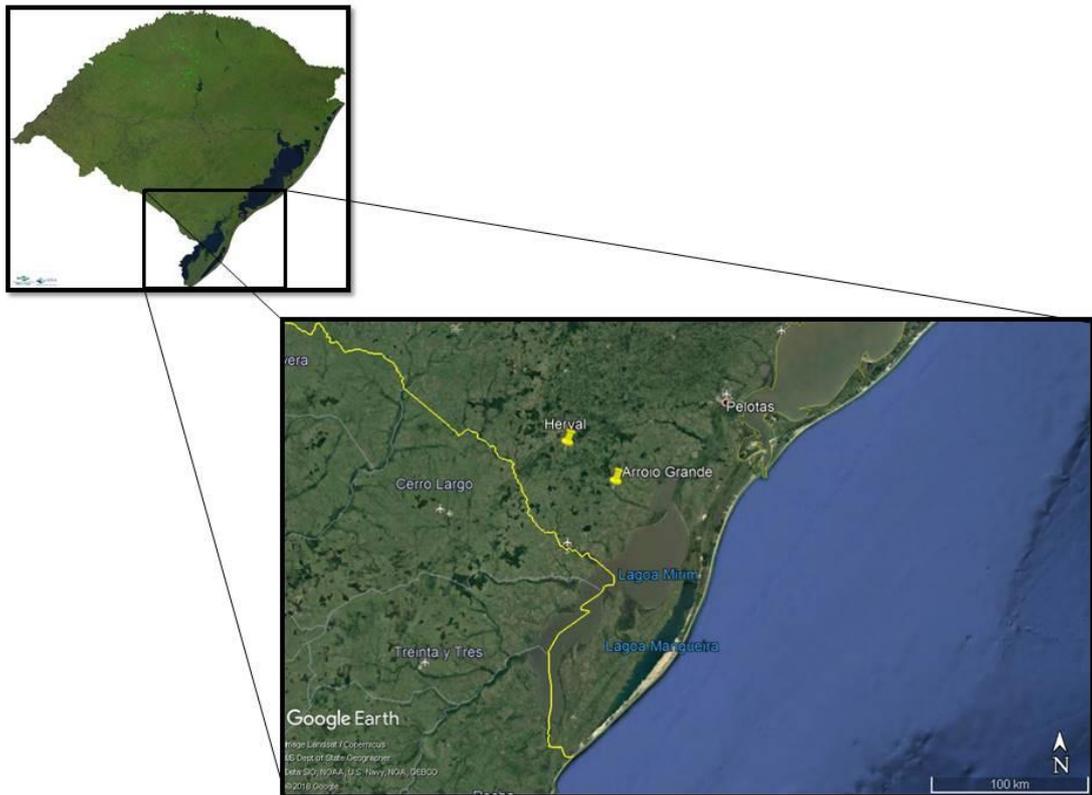
Há muitas estratégias na investigação narrativa para a produção de dados, mas para a dissertação utilizamos a conversa para obter dados narrativos. Por isso realizamos a *Charla do Pampa*, por nós denominada, no qual houve uma conversa em grupo com o propósito de falar sobre as relações que se estabelecem entre mulheres, pampa, natureza e sobre educações ambientais. Ousamos pesquisar e conversar com estas mulheres, e através da roda de mate, de chimarrão, como um hábito comum de tomar mate e conversar, um espaço cotidiano que compartilhamos pensamentos, contamos experiências, relembramos fatos e acontecimentos e, também, escutamos.

### **As mulheres-narradoras desta pesquisa**

As mulheres-narradoras desta pesquisa foram três mulheres que se compreendem como educadoras ambientais que atuam na escola ou fora dela, vivem entre o espaço urbano

e rural do pampa gaúcho, nos municípios de Arroio Grande, de Herval e de Pelotas (Brasil).  
Abaixo a localização dos municípios no mapa do Rio Grande do Sul (Brasil).

**Figura 1:** Localização dos municípios de Arroio Grande, Herval e Pelotas



**Fonte:** Google Earth, 2018.

Estas mulheres atuam como ambientalistas em organizações não governamentais (ONG) de âmbito internacional e regional nominadas como Núcleo Amigos da Terra Brasil, ONG Pachamama e Grupo Ecológico Amantes da Natureza.

A ONG Núcleo Amigos da Terra Brasil, com sede em Porto Alegre (RS) e atua em busca de um mundo pacífico e sustentável, baseado em sociedades que vivem em harmonia com o ambiente através de ações de resistência, mobilização e transformação (AMIGOS DA TERRA BRASIL, 2018).

A ONG Associação Pachamama, com sede em Pelotas (RS), desenvolve atividades

com uma base comum através da consciência Pachamama, que visam preocupar-se com a solidariedade à vida, enxergando a Terra como um organismo vivo, sem fronteiras (ONG PACHAMAMA, 2018).

A ONG Grupo Ecológico Amantes da Natureza possui sede em Arroio Grande (RS), atua através de projetos ambientais visando à conscientização ecológica como forma de melhorar a qualidade de vida (GEAN, 2018).

Respeitando as características metodológicas e a pesquisa em educação através de uma questão ética, elaboramos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para que as envolvidas autorizassem as entrevistas e o seu uso na pesquisa. No sentido de preservar a identidade das participantes, elas elegeram seus codinomes: *Lala*, *Aradia* e *Dona Corunilha*. Em seguida apresentamos uma breve narrativa sobre o que aprendemos de cada uma delas a partir de suas narrativas:

*Lala* é encantada com a temática ambiental desde quando começou a lecionar geografia em uma escola rural, aproximou-se da educação ambiental mobilizada pelos eventos internacionais como a ECO-92, desenvolvendo a partir disso, projetos ambientais nas escolas e em outras instituições.

*Aradia* compreende que a partir do Curso de Especialização em Direito Ambiental que realizou, aproximou-se do campo da educação ambiental, atuando desde então através da ONG em escolas e fora delas, com projetos desenvolvidos com o intuito de sensibilizar e despertar um olhar para uma consciência ambiental.

*Dona Corunilha* entende-se com uma pampeana, educadora ambiental e bioconstrutora, desenvolvendo projetos junto às escolas rurais e aos moradores do pampa e representando a ONG em eventos nacionais e internacionais.

Na próxima seção deste artigo trouxemos algumas análises das narrativas destas três mulheres ambientalistas do pampa gaúcho, onde a vida atravessada pela educação ambiental constitui modos de ser e viver neste território, modos de ser mulher, pampa e natureza.

### **Vidas narradas na trama entre pampa e educação ambiental**



*“Che paisano”  
No importa si hay charla o silencio,  
el mate nos da el tempo  
para que las miradas se encuentren (FRERS, 2019).*

O mate nos dá o tempo necessário para a *charla*, para o silêncio, para mirar, para olhar, para escutar... Da *Charla do Pampa*, ficaram as lembranças de uma tarde aconchegante, compartilhada de mates e memórias fantásticas, de histórias de vida narradas.

O material em análise compreende uma gama riquíssima de narrativas que potencializam as discussões no campo de saber da Educação Ambiental e Pampa, através das experiências de vidas narradas. Sem a pretensão de interpretá-las, miramos para as narrativas com o desejo de trazer para o presente, ali onde as memórias e as experiências se constituem como modos de vida. Aceitamos o convite de Michel Foucault e tratamos de “descer ao estudo das práticas concretas pelas quais o sujeito é constituído na imanência de um campo de conhecimento” (2006, p. 237). Como nos tornamos sujeitos pampeanos? Que discursos vão fabricando modos de ver e viver o pampa, a natureza e a cultura?

Assim, há indagações importantes para pensarmos em como nos tornamos aquilo que somos, mulheres pampeanas ambientalistas, nos instigando a pensar que somos capturadas pelo discurso de educação ambiental, de natureza e de pampa. A aprendizagem ambiental vai

determinando as nossas condutas, o nosso modo de ser e viver ao atravessar a nossa própria vida. Ao analisar as narrativas, tomamos como fio condutor a questão das relações entre sujeito e verdade, compreendendo que o sujeito se constitui a partir de práticas que podem ser de poder, conhecimento ou técnicas de si (FOUCAULT, 2006).

A questão é determinar o que deve ser o sujeito, a que condições ele está submetido, qual o seu *status*, que posição deve ocupar no real ou no imaginário para se tornar sujeito legítimo deste ou daquele conhecimento; em suma, trata-se de determinar seu modo de “subjetivação” (...) (FOUCAULT, 2006, p. 235) [grifo do autor].

Através dos estudos foucaultianos, buscamos os conceitos de subjetivação e subjetividade que se torna potente ao pensar sobre o processo de constituição dos sujeitos, “[...] eu chamaria subjetivação o processo pelo qual se obtém a constituição de um sujeito, mais precisamente de uma subjetividade, que evidentemente não passa de uma das possibilidades dadas da consciência de si” (2006, p. 262).

Ao olharmos para as experiências de vida tramadas nas vozes dessas mulheres, focamos nos modos de ser pampeanas e as formas que experienciam possíveis educações ambientais na atualidade. Ao articular arte e filosofia na *Charla do Pampa*, foi possível proporcionar momentos de questionamentos, problematizações potentes, que elas próprias fizeram e que enriqueceram as narrativas:

*Mas sabe que eu fiquei pensando agora, eu não sei bem qual é o sentido que tu fala, eu sei bioma pampa, tá bioma pampa geograficamente, mas o que é ser um pampeano? Qual é o sentimento sobre o pampeano? (Aradia, 2018)<sup>6</sup>.*

Qual é o *sentimento pampeano*? Como vamos nos constituindo nos interstícios do pampa e da educação ambiental? A trama entre a vida ambientalista e a educação ambiental nas narrativas das mulheres se tornam potentes para pensarmos sobre como nos constituímos sujeitos deste mundo, nos compreendendo como educadoras ambientais e mulheres pampeanas, atravessadas por preocupações com as questões socioambientais.

Ao olhar para o *corpus* empírico, observamos uma educação ambiental consolidada, que ensina os nossos comportamentos cotidianos, que vão nos subjetivando a ter determinadas ações frente ao pampa, frente à natureza, frente ao Planeta. Uma educação

---

<sup>6</sup>O excerto da *Charla do Pampa* está em itálico para destacar das demais citações. Após, encontra-se o nome fictício da mulher pampeana, seguido do ano de realização desse encontro.

ambiental que tece a vida cotidiana dessas mulheres nas suas relações sociais, assim como o pampa.

Uma relação de amor pelo pampa torna-se recorrente nas narrativas, um sentimento de pertencimento que é enaltecido a todo instante: “*amor pelo lugar*”, “*amor pela terra*”, “*viver com e não contra*”, “*eu sou do pampa, o pampa sou eu*”, “*aqui é o meu lugar*”. Há um sentimento estimado e vivido por essas mulheres, num processo de construção de sentido de si, ao nos contarem suas experiências de vida e suas memórias. E aqui recordamos mais uma vez Connelly e Clandinin (1995, p. 43) “*la narrativa y la vida van juntas*”!!!

Somos educadoras ambientais tanto capturadas por discursos maiores atrelados ao campo de saber, como há respiros possíveis, como ocorreu na *Charla do Pampa*, onde a arte e a filosofia se atravessaram com problematizações, questionamentos e pensamentos compartilhados. Ou seja, há um cruzamento ou um entrelaçamento entre uma educação ambiental maior e menor que nos constitui.

Na Charla, as mulheres-narradoras falam constantemente sobre o que denominamos de *Sentimento pampeano*, que pode ser entendido como um modo de viver, ver e de pensar através de uma sensibilidade diante do pampa, que nos faz ser mulheres pampeanas, sujeito deste tempo. Ao narrarem este sentimento, produzem subjetividades tanto na constituição do sujeito quanto na trama em que estão inseridas.

As condições de emergência para que o *Sentimento Pampeano* seja constantemente narrado pelas mulheres-narradoras se dá por uma trama que, primeiramente, está relacionada à constituição dos sujeitos marcados por modos de se relacionar com a natureza, que foi construída histórica e culturalmente no pampa do Rio Grande do Sul. Outro ponto importante é as relações que se estabelecem entre as mulheres e a natureza no pampa gaúcho. E finalmente, devido aos atravessamentos da educação ambiental vivida por estas mulheres.

Por isso, neste momento analisamos algumas narrativas das mulheres no que tange a educação ambiental nos interstícios pampeanos, buscando escutar mais devagar as vozes destas mulheres nas suas experiências cotidianas com a educação ambiental e o pampa.

### **Educação ambiental nos interstícios pampeanos**

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, e escutar mais devagar [...] (LARROSA, 2015, p. 25).

Como um gesto de interrupção, esta pesquisa-experiência requer criar possibilidades de parar para pensar sobre nosso campo de saber da educação ambiental. Para isso, pretendemos, nesta seção, exercitar a escuta da diferença que se faz no encontro com as intensidades (GODOY, 2008), ao “parar para olhar, parar para escutar” as vozes que ressoam os atravessamentos culturais, cotidianos que dão sentido à vida e às vidas dedicadas à educação ambiental. Nosso desejo e pretensão foi buscar possibilidades da experiência, cultivando a arte do encontro com as mulheres-narradoras: Lala, Dona Corunilha e Aradia, ao escutar suas narrativas:

[...] cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA, 2015, p. 25).

Atentar às vozes que narram e também falar sobre o que nos acontece, sobre nossas inquietações e pensamentos é relevante, por isso as questionamos e também a nós mesmas: que educação ambiental/educações ambientais são possíveis?

Na *Charla do Pampa*, as narrativas sobre a educação ambiental permeiam ao longo da conversa, por isso trouxemos falas importantes para entender de que forma o *Sentimento Pampeano* é potencializado por essas discussões, como uma possibilidade de sentir-se pertencente ao lugar - ao pampa.

*Aí a Juliana tava falando sobre a educação ambiental possível né, dentro do pampa, e eu acredito que **ver e se sentir parte desse pampa** produz uma educação ambiental (...)* (Aradia, 2018) [grifo nosso].

A educação ambiental é tecida no cotidiano através de práticas pedagógicas que ensinam formas e modos de se relacionar com o pampa, o ambiente. Como já evidenciamos anteriormente, não faremos um exercício de explicitar o dualismo entre a educação ambiental maior e a menor. Mas sim, trazer provocações potentes com um devir menor ao olhar as narrativas.

Ao transitar pelas falas das mulheres, notamos um delineamento do que é educação ambiental, que ocorre numa estrita relação entre humano-natureza, mas também na relação

humano-humano. Nas experiências contadas, as mulheres definem um lugar para a Educação Ambiental: ampla, conectada, com coerência social, em que natureza e humano fazem parte um do outro. Mas nos provocamos a questionar novamente: qual o lugar que a EA ocupa? Existe um ideal de educação ambiental? Olhamos para a narrativa abaixo e vemos como a educação ambiental vai se delineando nos interstícios culturais pampeanos através das vozes dessas mulheres:

*Eu falo que a Educação Ambiental tem que ser ampla, né. Porque tá tudo conectado, o econômico, o ambiental, o social, o cultural tá tudo conectado. Então não tem como trabalhar uma coisa sem trabalhar a outra, sem trabalhar as outras todas. Aí eu venho sempre pelos pilares né. Não tem como fazer educação ambiental e ser um machista, não tem como fazer educação ambiental e ser racista, não tem como fazer educação ambiental e ser fascista. Tem que ter o mínimo de coerência social para tu fazer a educação ambiental, porque é isso... **É esse viver com, não é, a gente já passou da fase de achar que ser humano não é natureza, que não faz parte e tal. Já passou isso...** Mas é uma cultura imposta, desenhada, foi pensada pelas culturas de botarem leis inclusive de que o animal tinha menos valor que o ser humano, e tal. E a gente é construção disso. E aí vocês pioneiras neste processo, nós já frutos e frutejando, na construção deste processo, a gente desconstruir isso e dentro disso desconstruir todos esses outros paradigmas no formato da sociedade, de não igualdade, pois o processo é esse, né. Da gente se enxergar com e não contra (Dona Corunilha, 2018)[grifo nosso].*

Qual o lugar da educação ambiental? Ela ocupa um lugar indispensável nas nossas vidas de diferentes formas no nosso cotidiano. A partir do que entendemos a educação ambiental, vamos nos produzindo e ensinando “modos corretos” seja em ações sociais, políticas, econômicas e ambientais. Os modos como nos relacionamos com o pampa com o planeta através de certas atitudes se torna necessário na atualidade, e assim somos convocadas a agir.

Así, la producción discursiva de la Educación Ambiental va constituyéndose en un campo necesario en la contemporaneidad. Es necesario ver y hablar sobre cuestiones ambientales y enseñarlos “modos correctos” de comportarse en el Planeta Tierra (HENNING, 2017, p. 345) [grifo da autora].

A maneira como conduzimos nossos modos de vida, de relações com outros humanos, com o planeta, com o pampa e com nós mesmos mostram práticas que se aproximam mais ou menos da educação ambiental.

A partir das narrativas vemos que se produz uma nova subjetividade que é acionada pelo *Sentimento Pampeano*, o “viver com”, a relação humana conectada com a natureza que

vai nos subjetivando em sujeitos pampeanos, ensinando modos de ser e de viver com o pampa e com outras pessoas que se compreendem como parte da natureza.

O exercício filosófico de questionamentos, provocações, inquietações compartilhadas fez com que outras questões fossem levantadas pelas mulheres-narradoras desta pesquisa no decorrer da *Charla do Pampa*:

*Mas me lembro dessa coisa que se tu é ambientalista? Ai eu olhava... Olha não sei aí ele ficava: Ah tu é feminista! Olha não sei, porque na verdade eu fui descobrir que existia um nome para aquilo que eu acreditava depois que eu já acreditava né. Já tinha aquela concepção e fui descobrindo né, aí nesses dias a gente conversava numa formação desse processo né... Tu não vai sentar ler um livro e: Ah agora eu sou ambientalista! Ah agora eu sou feminista! Ah agora eu sou antifascista! Não é assim que funciona. É uma coisa que realmente tem que ser uma transformação interna porque a pressão externa vai... para que tu seja "normal", esteja dentro do "senso comum" é enorme, então para tu conseguir te modificar e realmente fazer diferente é um esforço do cotidiano, porque todos os dias a mídia, a tv, tararara, estão para te dizer ao contrário (Dona Corunilha, 2018) [grifo nosso].*

Vamos nos subjetivando, tornando sujeitos deste tempo - ambientalistas, antifascistas, feministas, educadoras ambientais - a partir de ações cotidianas que realizamos, atravessadas por uma cultura, por modos de viver a contemporaneidade. As mídias, assim como outros artefatos culturais, estão aí "para te dizer o contrário", mas também em amplos espaços de divulgação nos ensinam modos ecologicamente corretos de viver no Planeta Terra, nos ensinando ambientalmente:

*Poco a poco estos artefactos nos convocan a cambiar los hábitos, a conducir la vida de otro modo, a conscientizarnos de los problemas ambientales. La EA, echando mano de los materiales que circulan en espacios formales, no formales e informales de aprendizaje, parece traer la solución a los graves problemas por los cuales estamos viviendo (HENNING, 2017, p. 348)[grifo da autora].*

A educação ambiental muitas vezes é colocada como uma estratégia de conduzir a conduta dos sujeitos, frente à necessidade urgente de mudança de hábitos perante os gravíssimos problemas ambientais enfrentados hoje. Nos provocamos neste estudo a pensar nosso campo de saber, a educação ambiental, nos afastando da tagarelice midiática, para tentar escutar as vozes dessas mulheres sobre sua relação com a natureza e com a EA nos interstícios pampeanos.

Talvez o "silêncio tropeiro" que Aradia nos fala na narrativa abaixo, nos sugira pistas para pensar sobre o *Sentimento Pampeano* atravessado por uma educação ambiental menor.

“Em um mundo frenético e assolado pelos meios midiáticos, como é possível calar? Como é possível encontrar espaços para o silêncio?” (HENNING, 2018, s/p). Pode-se, a partir de um pensamento menor, experimentar paisagens num tropeirar silencioso de uma educação ambiental tramada no pampa, um caminhar que nos toca com outros sons, outras intensidades, outros devires...

E se pudéssemos aceitar o convite de suspeitar dessas tagarelices midiáticas? E se pudéssemos torcer o pensamento e criar outros modos de educar para viver no meio ambiente? Para além de *ensinar* sobre sérios problemas que vivemos no cotidiano - e vale pensar o modo como estamos ensinando sobre isso! -, a EA pode falar de outras coisas: da relação que estabelecemos com o mundo; do cotidiano com vizinhos, pessoas, lugares, animais, espaços; dos modos como nos sentimos humanos e nos relacionamos com os elementos naturais etc. (HENNING, 2021, p. 309) [grifo da autora].

Na expressão “Torcer o pensamento e criar outros modos de educar”, encontramos a possibilidade de trazer a ecosofia (GUATTARI, 1995) para nos ajudar a torcer e a criar diferentes modos de se fazer a educação ambiental nos interstícios pampeanos, pela via da singularização, da invenção, da criação estética a partir de um devir ético e político. Porque é no silêncio que há a possibilidade de escutar os outros seres, as outras vozes e, quiçá, educações ambientais menores.

*É e me fez lembrar das três ecologias...de se tu é machista. Então é a ecologia cósmica, é também a ecologia pessoal, é também a ecologia planetária, então a ecologia social, como tu te relacionas com as pessoas, e a tua ecologia pessoal, né, das suas emoções, da tua, dos teus sentires. Bah! E aqui do pampa achei assim muito lindo de ver o silêncio tropeiro como ele vai influenciar, né, essa natureza como vai então vai bater em nós, na verdade ela não vai bater em nós, ela vai...Eu achei muito bonito quando diz assim oh... “Eu percebo que meu sangue é o mesmo do meu cavalo”, eu não tô sendo separada e isso eu faço, (...) tá lá e eu tô aqui, não, essa ilusão da separatividade é isso aí, “meu sangue é o mesmo do meu cavalo”, então eu acho isso muito lindo, então, se eu não sou separado eu não vou né, ser um fascista, né. (Aradia, 2018) [grifo nosso].*

As três ecologias que Aradia nos convida a pensar na educação ambiental se constituem mergulhadas pelo *Sentimento Pampeano*. Elas são fruto do trabalho do filósofo Félix Guattari (1995), autor que nos propõe uma recomposição de práticas sociais e individuais a partir de três ecologias, sob uma guarida ético-estética de uma ecosofia: a ecologia social, a ecologia mental e a ecologia ambiental. “Não é justo separar a ação sobre a psique daquela sobre o *socius* e o ambiente” (GUATTARI, p. 24) [grifo do autor]. O autor não nos propõe regras

práticas ou um guia de práxis, mas ao contrário, trata-se de liberar as contradições possíveis entre esses três níveis ecológicos. Em nível mental estão os modos de produção de singular existência, de dissenso e de criação. Já no nível social é possível pensar nas reconstruções das relações humanas. Tais níveis e visões estão intrinsicamente ligados à ecologia ambiental, às relações entre a humanidade e ao ambiente.

Marcas atuais nos fundamentos da educação ambiental nos mostram que é preciso se sentir pertencente ao Planeta, ao lugar em que vivemos, aos espaços em que convivemos, ao grupo de pessoas com quem nos relacionamos. O enaltecimento do sentimento, nos interstícios da educação ambiental, deixam vestígios nas maneiras como nos relacionamos com a natureza, com outros seres e outros humanos. Importante questionarmos como essas relações foram se estabelecendo na atualidade? Qual a importância de se sentir pertencente? Vale provocar que para sentirmo-nos pertencente é porque fomos, pouco a pouco, travando um distanciamento com os elementos naturais. É preciso – enquanto valor de verdade – voltarmos a ter essa conexão... Provocadas pela potência do dissenso (HENNING, SILVA, 2018) questionamos e estranhamos o que muitas vezes se considera fundamento da educação ambiental, e aqui observamos as relações de pertencimento.

*Feminicídio não existe, não... como tem muitos por aí dizendo. Homossexualidade não, tô contra, que é isso? **Ou somos parte, não, somos um dentro de um todo, e o todo tá dentro de nós, ou, nós estamos nos enganando... (...) Então eu acho que é o vento pampeiro, dessa sensibilidade(...)** (Aradia, 2018)[grifo nosso].*

A sensibilidade estética pampeana, que aqui chamamos de *Sentimento Pampeano*, presentes nas narrativas, se constitui também pelas maneiras como o pertencimento presente na educação ambiental atravessa a vida dessas mulheres, e as nossas também. Sim, nos sentimos pertencentes ao pampa, isso nos tece, nos produz, nos trama a própria vida!

Podemos potencializar o pensar nas relações de pertencimento ambiental, atravessadas pelas três ecologias de Félix Guatarri ao afirmar que “trata-se de pensar a diferença e a singularização ética, estética, política convocadas pela Ecosofia como um dos atravessamentos possíveis entre resistência e educação ambiental na contemporaneidade” (MARQUES, TEIXEIRA, DIAS, 2018, p. 223). “*Quem tem coragem de fazer?*” Aradia se

questiona, nos questiona e nos provoca com essa pergunta. Quem tem coragem para fazer outras, mais, possíveis educações ambientais tramadas no pampa?

*Então assim... Quem é que tem a coragem de fazer? De viver algo que não é algo que a sociedade ah, aqui, ali, mas fazer algo para se modificar, assim, né. Dentro das suas pequenas caridades, dentro dos seus mundos, bom, eu estou vivendo... Outro dia até me disseram: “- tu és pagã?” (risos) eu não sei se sou pagã... – “Mas tu acredita em quê? Tu acredita na Pachamama?” Eu disse eu acredito, acredito na vida una que tem uma mãe generosa nutritiva...- “Então tu é pagã?!” Olha se tu acha que eu sou pagã. Mas não entrei em detalhes, acredito em Cristo em Buda, mas se tu acha que sou pagã eu sou pagã! (risos) (Aradia, 2018).*

Ao nos questionarmos constantemente como nos tornamos aquilo que somos, pagãs ou não, ambientalistas, feministas, nos potencializamos a suspeitar daquilo que nos produz e nos constitui, a partir de nossas escolhas e de nossas vivências como mulheres pampeanas que educam ambientalmente.

Importante lembrar que somos sujeitos marcados pelo momento histórico em que vivemos - um momento de crise ambiental. Não há como negar a materialidade dos fatos que estamos vivenciando hoje no planeta e no pampa: destruição dos biomas, derretimentos de geleiras, aumento na produção de lixo e poluição, extinção da fauna e da flora. Tudo isso requer um chamado urgente para encontrar soluções...

*Eu agora tô na campanha não chupo mais (risos), chupá não aí eu vou num restaurante, eu vou em qualquer lugar e “canudinho?” não eu não chupo mais moça (risos). É isso gente, é pequenos gestos que eu fico assim indignada. Uma vez por semana tem o almoço com as primas tá, aí via de regra, elas pagam com cartão de crédito, aí para que imprimir aquela segunda via ali, se tu tá recebendo no teu celular... (Aradia, 2018).*

Vamos nos constituindo educadoras ambientais ao assumir esse discurso de verdade, “subjetivándonos, la EA crea un nuevo sujeto, el ecológico, el verde, el ecológicamente correcto, a su vez, el consciente” (HENNING, 2017, p. 346). Segundo Henning, há a produção de nova subjetividade que ensina comportamentos corretos e delimita ações e condutas.

A solução dos problemas ambientais é um dos objetivos da educação ambiental e, assim, ela vai ensinando cotidianamente, seja pela mídia ou na escola, a importância das ações individuais e dos pequenos gestos, para a transformação do planeta. Vamos experienciando maneiras de viver o planeta de acordo com atitudes necessárias para o nosso futuro na Terra embora sejamos alarmadas constantemente pelas notícias que chegam...

*Sim, e quando tu falaste de quando o pedaço de papel da árvore é um milhão e meio de hectares a mais, a FEPAM divulgou na semana passada, vão plantar um e meio, 1,5 milhões de hectares a mais, dos milhões que já têm plantado na metade sul do Rio Grande do Sul de eucalipto de papel (Dona Corunilha, 2018).*

O que fazer diante de tamanha destruição? A urgência torna-se uma maneira de nos fazer agir constantemente em prol do planeta e do pampa. Somos educadoras ambientais capturadas por tais urgências e dispostas a solucionar, ou então a lutar por soluções para os problemas que assolam o pampa. São questões que atravessam qualquer um de nós, sobretudo nós, mulheres ambientalistas do pampa.

*Sabe quando dá uma tristeza, quando agora eu vou para o Rio e vou olhar coisa triste quando a gente vai chegando, os quadradinhos, aquilo, no Rio Grande do Sul é só quadradinho a terra, quadradinho, tu vê campo, mas é só quadradinho, quadradinho, ou é soja ou é arroz, assim é a mesma coisa, as imagens que a gente tem aqui, nossa do arroio daqui para Herval, e daqui para lá, da faixa para lá é só, quadradinho de arroz, muito triste, tudo amarelo e quadradinho de arroz, e as aguinhas saindo do arroio para lá (Lala, 2018).*

*E essa região nossa, pampeana a gente é historicamente, jogada a pobreza, depois pós Revolução Farroupilha, os caras quiseram mostrar as asinhas, é uma política atrás da outra de empobrecimento da região, porque é uma região riquíssima. Então é uma sucessão histórica (Dona Corunilha, 2018).*

*Sim porque agora nós temos, só na metade sul do Rio Grande do Sul, no nosso bioma, 132 projetos de mineração, 132 projetos de mineração! (Dona Corunilha, 2018).*

A partir de um exercício filosófico, é importante problematizar a educação ambiental como um discurso de verdade, tão potente nos dias atuais e que vai ensinando modos de ser e de viver no mundo moderno. A emergência da educação ambiental tem nos ensinado modos de ser? Como esse processo de subjetivação se opera nos sujeitos de pesquisa? Pensar nesses modos de ser educadora ambiental ou nos modos de fazer educação ambiental torna-se potente para nosso campo de saber.

*Me parece importante tensar los discursos que ponen la EA como estratégia de conducir la conducta de los sujetos, llevándolos al convencimiento de la necesidad de cambiar sus hábitos de vida, de convertirse en un nuevo sujeto, concatenado con su tempo, un tempo de sérios problemas ambientales (HENNING, 2017, p. 346).*

Somos atravessadas por essas educações ambientais, seja maior ou menor, que vão nos constituindo enquanto sujeitos. Fica aqui nosso desejo de junto com as mulheres-narradoras tensionar essas práticas pedagógicas que ensinam ambientalmente para soluções

urgentes. Assim, vemos a potência do *Sentimento Pampeano* para disparar outras formas, encontrar novos caminhos e novas trajetórias para a educação ambiental tecida aqui, no pampa!

Talvez a EA pudesse encontrar na potência do dissenso a possibilidade de sua criação, do encontro e do desejo por outros modos de compor-se. Uma coragem para pensar, provocar, ranger, rachar as verdades estabelecidas, os modos comuns e a sua reprodução. Pensar a partir do dissenso é romper com o pensamento universalizante, com um único jeito de se fazer e pensar a Educação ambiental. O problema não está nas ações que as práticas pedagógicas da EA nos ensinam: fechar a torneira, separar o lixo ou diminuir o tempo do banho. Nossos modos de vida assumem essas práticas por uma questão política, de implicações éticas no cotidiano da vida ou por uma condução de rebanho, sempre homogêneo, linear e de repetição? (HENNING e SILVA, 2018, p. 158)

Nesse sentido, urge uma coragem necessária que nos impulse a querer mais, a querer experimentar educações ambientais possíveis no pampa gaúcho. E assim, finalizamos a última seção das análises das narrativas, com o desejo de estar atentas às vozes que narram e que tramam suas vidas a partir do *Sentimento Pampeano*, uma vez que vimos aqui uma educação ambiental marcada por um sentimento de pertencimento ambiental, pelo forte entrelaçamento entre humano e natureza.

### **Algumas considerações**

A partir das narrativas analisadas, nos instigamos a pensar nas condições de emergência para que o *Sentimento Pampeano* fosse recorrente às narrativas das mulheres ambientalistas do pampa gaúcho e vimos atravessamentos potentes da educação ambiental na vida dessas mulheres. Entendemos esta pesquisa como uma experiência de vida atravessada pela filosofia, buscando pensar em como nos tornamos mulheres pampeanas educadoras ambientais, uma forma de estimular o pensar sobre o próprio pensamento, como nos fala Foucault “se deve ter uma atitude exigente, prudente, ‘experimental’; é preciso a cada instante, passo a passo, confrontar o que se pensa e o que se diz com o que se faz e o que se é” (2006, p.219) [grifo do autor].

Para retornarmos mais fortes é preciso deixar-se convalescer. É preciso parar para pensar, para ruminar ideias, desejos, pensamentos. Envolvidos pelo silêncio talvez pudéssemos estender os olhares possíveis para as coisas que nos arrebatam. Como se pode pensar, pensar paulatinamente, uma e outra vez, no murmúrio dos espaços

coletivos? O silêncio e a solidão podem nos jogar para o encontro conosco mesmo. Olhar para seu silêncio e permanecer nele requer coragem. Uma coragem de se permitir enxergar o que se pensa, o que se vê e os sentidos que se atribui ao que se olha. Se o nosso silêncio for acompanhado dessa coragem, ele pode ser extremamente vigoroso para um mundo onde a compulsão por falar, por defender posição, por professar o tempo futuro são suas ações cotidianas. Tal coragem vem atrelada ao desejo de superar a convalescença e voltar à ativa, sempre com mais vigor. Não se trata de permanecer na solidão, mas dela retirar suas forças para, uma vez de volta à ética dos amigos, encher a vida e os pensamentos de perspectivas (HENNING, 2021, p. 312).

A escrita foi tecida nos silêncios de cada manhã, com a coragem necessária fomos ruminando os pensamentos sobre o que constitui a própria pesquisadora nas suas relações com a natureza, com o pampa e com a educação ambiental. Tomando os escritos de Foucault como potência para pensar nos atravessamentos éticos e estéticos na constituição de si: “essa transformação de si por seu próprio saber é – penso - algo bastante próximo da experiência estética. Por que um pintor trabalharia, se ele não é transformado por sua pintura?” (FOUCAULT, 2014, p. 204).

Percebemos o quanto somos constituídas como mulheres ambientalistas pampeanas pelos atravessamentos culturais, históricos, políticos, estéticos e éticos, mobilizadas pelo que chamamos de *Sentimento Pampeano*. E assim, podemos considerar as mulheres ambientalistas do pampa gaúcho narram suas relações com a natureza e com a educação ambiental mobilizadas por este sentimento, por esta sensibilidade estética pampeana.

Finalizamos com nosso desejo de que outros leitores(as) possam pensar sobre os modos como nos tornamos aquilo que somos... educadoras(es) ambientais a partir de suas vidas e experiências, ansiamos pela potência de provocar em nós e em outros uma escuta da diferença, criar uma máquina de intensidades e sons, como nos fala Ana Godoy (2008), para ir além do já dado para a educação ambiental. Ao trazer a arte e a filosofia para a *Charla do Pampa* buscamos nas conversas com as mulheres-narradoras a possibilidade de pensarmos juntas, educações ambientais possíveis, menores, periféricas, singulares, assim como modos de ser e de viver o pampa na atualidade.

## Referências

AMIGOS DA TERRA BRASIL. Disponível em: <https://amigosdaterrabrasil.wordpress.com/about/>  
Acesso em: 17 de abril de 2018.

CONNELLY, Michael & CLANDININ, Jean. Relatos de experiencia e investigacion narrativa. In: LARROSA, Jorge. **Déjame que te cuente**. Barcelona: Editorial Laertes, 1995.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka, para uma literatura menor**. Editora Assírio & Alvim. Lisboa: 2003.

FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade, política**. Ditos & Escritos V. 2º ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In:FOUCAULT, Michel. **Estratégia, poder-saber. Ditos e escritos IV**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p.203-222.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos IX**. Genealogia da Ética, Subjetividade e Sexualidade. RJ: Forense Universitária, 2014.

FRERS, Celine.(2019) Disponível em:

<https://www.facebook.com/CelineFrersPhotography/photos/a.121933431280139/1336820686458068/?type=3&theater> . Acesso em 24 de janeiro de 2019.

GALLO, Sílvio. Em torno de uma educação menor. **Educação & Realidade**, v. 27, n. 2, p.169-178, jul/dez. 2002.

GEAN. Disponível em: [https://pt-br.facebook.com/pg/GrupoEcologicoAmantesdaNatureza/about/?ref=page\\_internal](https://pt-br.facebook.com/pg/GrupoEcologicoAmantesdaNatureza/about/?ref=page_internal)

Acesso em: 17 de abril de 2018.

GODOY, Ana. **A menor das ecologias**. São Paulo: Editora da USP, 2008.

GODOY, Ana. Nietzsche-Foucault-Deleuze-Guattari: a EA e a potência do pensamento minoritário, um diálogo intempestivo. In: CALLONI, H.; CORRÊA DA SILVA, P.R.G. **Contribuições à Educação Ambiental**. Pelotas: Editora Universitária/UFPEL, 2010.

GUATTARI, F. **As três ecologias**. Campinas, SP: Papiros, 1995.

HENNING, Paula Corrêa. Límites y Posibilidades de la Educación Ambiental. **Bajo Palabra**. 11Época, n.º 17, 2017, p.341-358.

HENNING, Paula Corrêa. Educação Ambiental: o silêncio como potência criadora. In: HENNING, Paula C.; SILVA, Gisele R. (org.). **Educação e filosofia: fissuras no pensamento com Nietzsche, Foucault, Deleuze e outros malditos**. Rio Grande/RS: Ed. Da FURG, 2021, p. 305-322. Disponível em: <http://repositorio.furg.br/handle/1/9654?show=full> Acesso em: 02 nov. 2021.

HENNING, Paula C; SILVA, Gisele R. Rastros da educação ambiental. O dissenso como potência criadora. In: HENNING, Paula C.; MUTZ, Andressa; VIEIRA, Virgínia T. (orgs). **Educações Ambientais Possíveis: ecos de Michel Foucault para pensar o presente.** Curitiba/PR: Appris Editora, 2018, p.151-162.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência.** Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2015.

MARQUES, Isabel R.; TEIXEIRA, Juliana C.; DIAS, Raquel S. D. É possível resistir? Experimentações com Michel Foucault e Félix Guattari. In: HENNING, Paula C.; MUTZ, Andressa; VIEIRA, Virgínia T. (orgs). **Educações Ambientais Possíveis: ecos de Michel Foucault para pensar o presente.** Curitiba/PR: Appris Editora, 2018, p.213-225.

NIETZSCHE, Friedrich. **Sobre Verdade e mentira no sentido extra-moral.** São Paulo: Editora Hedra, 2007.

ONG PACHAMAMA. Disponível em: <https://www.ongpachamama.org/quem-somos>. Acesso em 17 de abril de 2018.

RIBEIRO, Paula Regina Costa; ÁVILA, Dárcia Amaro. Sujeitos, histórias, experiências, trajetórias... A narrativa como metodologia na pesquisa educacional. In: SILVA, G.R.; HENNING, P.C. (org.) **Pesquisas em Educação: experimentando outros modos investigativos.** Rio Grande: Editora da FURG, 2013, p. 71-78.

SCHLEE, Juliana. **Mulheres, Pampa e Natureza: um olhar para a educação ambiental.** 153p. Dissertação, Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental (PPGEA). (Mestrado em Educação Ambiental), Instituto de Educação, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2019.

*Submetido em: 11-02-2020*

*Publicado em: 15-08-2022*